

O processo histórico-social da Terra Indígena Guarita

 Juliane Paprosqui¹,  Janete Webler Cancelier²,  Graciela Gobbi Guterra³,  Queli Rejane da Silva Konzgen⁴,
 Vagner Guimarães Ramos⁵

^{1, 2, 3, 4, 5} Universidade Federal de Santa Maria - UFSM. Pró-Reitoria de Graduação/Administração Central. Avenida Roraima n. 1000, cidade universitária, Camobi. Santa Maria - RS. Brasil.

Autor para correspondência/Author for correspondence: juliane_paprosqui@hotmail.com

RESUMO. O presente estudo tem como objetivo geral conhecer as especificidades do modo de ser Guarani, na Tekoá Ka'aguy Porã (Aldeia Indígena Gengibre), localizada na Terra Indígena Guarita, situada na região noroeste do Rio Grande do Sul. O estudo é produto de uma disciplina do 4º semestre de um curso de Licenciatura em Educação do Campo, ofertado por uma Universidade Federal na modalidade à distância. Para realizar a pesquisa primeiramente foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a realidade indígena no Brasil, posteriormente uma pesquisa documental buscando elementos sobre o processo histórico de formação e organização da Terra Indígena Guarita, através de observação direta, conversas informais e entrevistas, resultando numa análise descritiva dos dados. Os resultados da pesquisa possibilitaram conhecer o cotidiano e os modos de vida do povo Guarani, identificando especificidades do modo de ser Guarani na Tekoá Ka'aguy Porã, incluindo suas crenças, hábitos alimentares e elementos da cultura material, colaborando desta forma, com a formação do futuro licenciado que pode vivenciar de perto um pouco da diversidade que possivelmente encontrará na sala de aula. Por meio da observação e da interação com o objeto da pesquisa foi evidenciado também a relação deste povo com a natureza e o meio ambiente.

Palavras-chave: pesquisa em educação, cultura, terra indígena, formação de professores.

The historical-social process of the Guarita Indigenous Land

ABSTRACT. The present study has as general objective to know the specificities of the Guarani way of being, in Tekoá Ka'aguy Porã (Indigenous Village Gengibre), located in the Terra Indígena Guarita, located in the northwest region of Rio Grande do Sul. The study is the product of a discipline of the 4th semester of a Licentiate Course in Rural Education, offered by a Federal University in the distance modality. In order to carry out the research, a bibliographic review on the indigenous reality in Brazil was carried out, later on, a documentary search seeking elements on the historical formation and organization process of the Guarita Indigenous Land, through direct observation, informal conversations and interviews resulting in a descriptive analysis of the Dice. The results of the research made it possible to know the daily life and the ways of life of the Guarani people, identifying specificities of the way of being Guarani in Tekoá Ka'aguy Porã, including their beliefs, eating habits and elements of material culture, thus collaborating with the formation of the future graduate who can experience up close a little bit of the diversity that he will possibly find in the classroom. Through observation and interaction with the research object, the relationship of these people with nature and the environment was also evidenced.

Keywords: research in education, culture, indigenous land, teacher training.

El proceso histórico-social de la Tierra Indígena Guarita

RESUMEN. El presente estudio tiene como objetivo general conocer las especificidades de la forma de ser guaraní, en Tekoá Ka'aguy Porã (Pueblo Indígena Gengibre), ubicado en la Terra Indígena Guarita, ubicada en la región noroeste de Rio Grande do Sul. El estudio es el producto de una disciplina del 4to semestre de un Curso de Licenciatura en Educación Rural, ofrecido por una Universidad Federal en la modalidad a distancia. Para llevar a cabo la investigación, se realizó una revisión bibliográfica sobre la realidad indígena en Brasil, luego, una búsqueda documental buscando elementos sobre el proceso histórico de formación y organización de la Tierra Indígena Guarita, a través de observación directa, conversaciones informales y entrevistas que resultaron en un análisis descriptivo del Dado. Los resultados de la investigación permitieron conocer la vida cotidiana y las formas de vida de los guaraníes, identificando las especificidades de la forma de ser guaraníes en Tekoá Ka'aguy Porã, incluidas sus creencias, hábitos alimenticios y elementos de la cultura material, colaborando así con la formación del futuro graduado que puede experimentar de cerca un poco de la diversidad que posiblemente encontrará en el aula. A través de la observación y la interacción con el objeto de investigación, también se evidenció la relación de estas personas con la naturaleza y el medio ambiente.

Palabras clave: investigación en educación, cultura, tierras indígenas, formación del profesorado

Introdução

Atualmente no Brasil, o povo Guaraniⁱ é composto por três grandes grupos da língua Guarani, os *Mbyá*, os *Ñandeva* e os *Kaiowá*, integrando a família linguística Tupi-Guarani e o tronco tupi, que se caracteriza por línguas que não são mais faladas, mas, que deram origem a diversas outras faladas na atualidade dos indígenas (Schaden, 1974). Além de diferenças linguísticas entre os três grupos, registram-se diferenças socioculturais, enfatizadas por seus próprios integrantes.

Ao final da primeira década do século XXI, a população Guarani *Mbyá* no Rio Grande do Sul era de aproximadamente 2.000 pessoas, distribuídas em aproximadamente 35 lugares de ocupação. Em virtude de seus próprios modos de constituição do território, com frequência os grupos familiares deslocam-se em “busca da terra sem mal”, fato que se mostra como constante na vida do povo Guarani, por entenderem que o território, enquanto espaço cartográfico e geográfico, é fragmentado e compartilhado por diferentes sociedades em contraposição das aldeias que, não devem abrigar outros seres humanos, ou seja, uma aldeia deve conter recursos naturais preservados permitindo a privacidade da comunidade. O território dos Guaranis, então, remete a busca

constante por espaços que atendam às suas demandas socioculturais.

Sendo assim, ao longo do processo de ocupação do Rio Grande do Sul, o povo Guarani ocupava desde o litoral até a fronteira oeste e parte da região norte. Praticavam a agricultura, de acordo com os costumes indígenas, na qual os homens cuidavam do solo e as mulheres cuidavam das sementes, plantavam e colhiam. Segundo os apontamentos de Wizneiwsky e Kaufmann (2018), os mesmos cultivavam, principalmente o algodão, abóbora, mandioca, milho, amendoim, feijão e batata-doce, e também praticavam a pesca e a caça. Da floresta colhiam frutos silvestres e a erva-mate, sendo o chimarrão e o churrasco herança atribuída e esse grupo.

Os povos Guarani, ao longo dos séculos, foram lentamente suprimidos, em decorrência dos ataques dos Bandeirantes, guerras guaranícas e, posteriormente, a mestiçagem. Entre os povos indígenas presentes no estado do Rio Grande do Sul a maioria pertence à etnia *Kaingang*, havendo também a presença de povos Guarani em menor proporção. Estes vivem em áreas denominadas oficialmente “Terras Indígenas”. Segundo a Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2019)

existem 27 áreas em todo o estado, porém apenas 13 devidamente demarcadas.

Nos reduzidos espaços de terra que ainda lhes restaram, o povo Guarani vivencia sua cultura, crenças, língua e tradições, em íntima relação com o sagrado, que lhes dá esperança de viver, apesar de toda uma existência de sofrimento e perdas. Os povos indígenas resistem em distintos espaços-tempos, mesmo sob influências e imposições da sociedade dominante, de aparatos de Estado, leis e da cultura excludente, em relação ao indígena (Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, 2010).

Tendo em vista a importância que o tema requer, o artigo que se apresenta é fruto de uma investigação realizada por professores e uma licencianda do curso de Licenciatura em Educação do Campo, ofertado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) e em parceria com a Universidade Aberta do Brasil (UAB), buscando entender o processo histórico-social da formação Guarani *Mbyá* e conhecer as especificidades do modo de ser Guarani na *Tekoá Ka'aguy Porã* (Aldeia Indígena Gengibre), localizada na Terra Indígena Guarita, no município de Erval Seco/RS. Os estudos investigativos, como o que se apresenta aqui, são salutares para a formação da prática pedagógica futura do educador do campo. A

importância e justificativa deste estudo se dão pela relevância, principalmente quando se trata de relatar o modo de ser de um povo, pois o licenciado em Educação do Campo poderá atuar em escolas do espaço rural que atendam aos mais diversos povos tradicionais. Trata-se de uma oportunidade única para compreender, inclusive, a nossa própria identidade.

Além disso, busca-se demonstrar o processo histórico de formação e organização da Terra Indígena Guarita, observando e documentando aspectos da cultura, da língua, dos costumes, das tradições, das relações com outras etnias, dos conhecimentos e saberes produzidos pelo povo Guarani *Mbyá*. Também é importante compreender as relações de tempo, espaço, cultura e sua influência na identidade indígena, conhecendo e valorizando a relação de respeito à natureza e a sabedoria dos mais velhos na transmissão de conhecimento através da oralidade e das vivências cotidianas.

Assim sendo, percebe-se o quanto é importante descrever estes aspectos, para promover a quebra do estigma que a sociedade tem do indígena, e ainda poderá subsidiar educadores em relação aos povos tradicionais em suas práticas pedagógicas cotidianas. O arcabouço teórico se limita em alguns autores, tais como: Mello, Altenhofen e Tommaso, Moore (2011),

Constituição Federal, dentre outros, pois, devida a pouca produção teórica, optou-se por manter os mais relevantes encontrados.

Metodologia

Quanto aos caminhos teórico-metodológicos, primeiramente foi realizada a provação inicial aos estudantes do curso de Licenciatura em Educação do Campo, para que realizassem a pesquisa em uma comunidade obrigatoriamente do espaço rural buscando identificar dentre outros aspectos a cultura, como se organiza, a posição geográfica da mesma como se dá a relação da comunidade com a natureza, etc. Escolhida a comunidade e a partir desses elementos foi realizada uma revisão bibliográfica para entender através dos aportes teóricos trazidos, a realidade do indígena no Brasil, o povo indígena Guarani para posteriormente chegarmos a terra indígena “Guarita”.

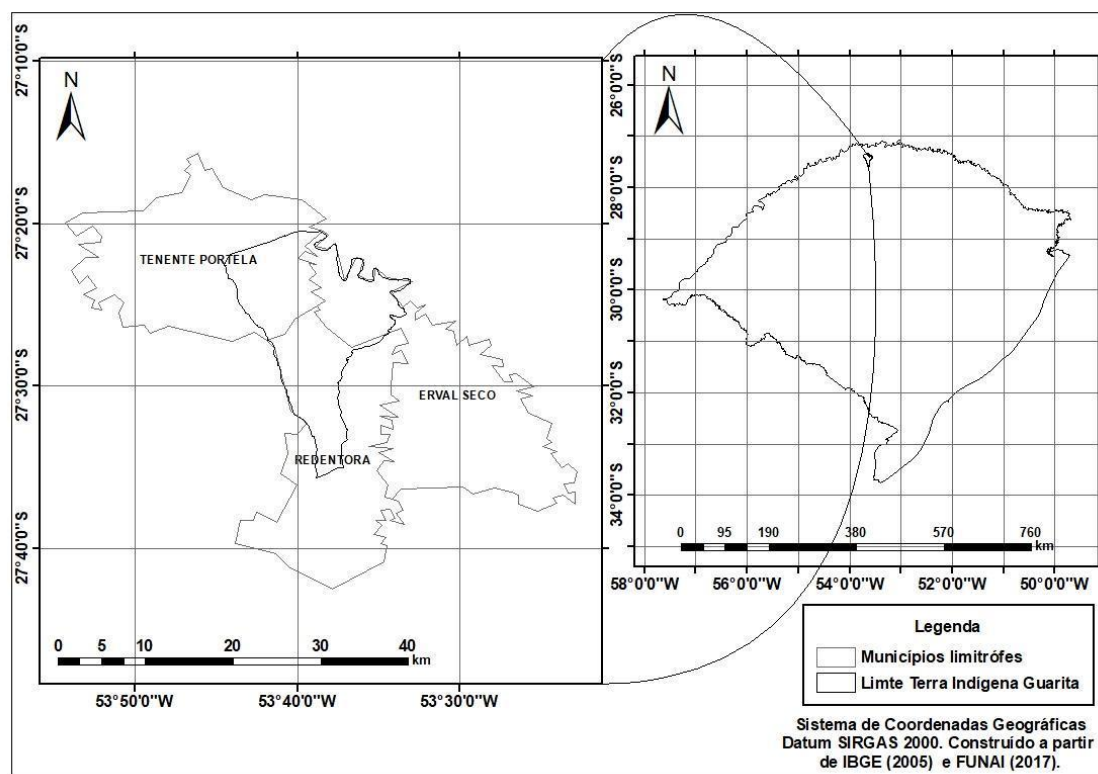
No segundo momento recorreu-se a pesquisa documental, a qual elucidou os dados referentes ao processo histórico de formação e organização da Terra Indígena Guarita, resultando em uma análise descritiva. Os dados qualitativos foram

obtidos pelo trabalho de campo na Aldeia Indígena Gengibre no ano de 2018, utilizando como técnicas entrevista semiestruturada e a observação participante.

A entrevista se deu, basicamente, com o Cacique Sandro Silva e foram feitas perguntas que, versavam sobre a organização da aldeia, os costumes, a cultura e os processos históricos de consolidação do referido lugar.

A Aldeia Gengibre localizada na Terra Indígena Guarita, objeto deste estudo, está situada na região noroeste do Rio Grande do Sul, ocupando parte do território dos municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco. Atualmente, abrange uma área de 23.406,87 hectares, constituindo o maior território indígena do estado. Em seguida, a Figura 3, possibilita a visualização dos municípios que abrangem a Terra Indígena Guarita.

Figura 3 – Mapa dos limites territoriais da Terra Indígena Guarita.



Fonte: Construído a partir de IBGE (2005) e FUNAI (2017).

Realidade indígena no Brasil

Os indígenas fazem parte do processo histórico de formação sócio espacial do Brasil. Atualmente estão presentes diversas etnias, cada uma com características próprias, entre as quais, a língua. O Brasil, em mais de 500 anos de história, desde sua ocupação apresenta uma história de contatos linguísticos e culturais entre diferentes povos (Mello, Altenhofen & Tommaso, 2011). O primeiro contato registrado se deu segundo Moore (2011), com indígenas Tupinambás, na costa leste do território brasileiro; onde portugueses e indígenas buscavam comunicar-se de alguma forma, seja por meio de gestos ou

língua um do outro. Esse contato nem sempre ocorreu de forma harmoniosa, resultando muitas vezes no confronto direto, motivado pela discriminação, incompatibilidade e luta pela terra.

Com a aprovação da Constituição de 1988, direitos importantes foram conquistados, garantindo, aos povos indígenas, o respeito de sua organização social, costumes, línguas, crenças, tradições, e direitos originários sobre as terras que, tradicionalmente, ocupavam, direito a uma educação específica e diferenciada, ao reconhecer o uso de língua materna e processos próprios de

aprendizagem. (Artigo 210-231, BRASIL, 1988).

Por meio da Resolução CEB/CP nº 03/99, foram instituídas as Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para o funcionamento das escolas indígenas, observando o que remonta o Art. 2. Parágrafo Único. “A escola indígena será criada em atendimento à reivindicação ou por iniciativa de comunidade interessada, ou com a anuência da mesma, respeitadas suas formas de representação”.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997, p. 30), podemos observar que: “... o estabelecimento de escolas indígenas, com proposta pedagógica, organização administrativa e didáticas próprias, atende a uma exigência constitucional, traz enriquecimento pedagógico e introduz exigências adicionais na estruturação do sistema nacional de educação”

Neste sentido, a educação não só indígena, mas voltada para os povos indígenas, é garantida através da luta pelo acesso à educação que se adequa a realidade e a cultura destes povos. Isso é observado quando a proteção das comunidades indígenas vai além da Constituição Federal de 1988, no Estatuto do Índio, por exemplo, em seu artigo 2º prevê que a União, Estados e Municípios devem proteger e preservar o direito das

comunidades indígenas, respeitando suas peculiaridades assegurando a livre escolha dos seus meios de vida e subsistência. Ainda, o artigo 47 assegura o respeito ao patrimônio cultural dos povos indígenas, seus valores artísticos e meios de expressão.

Desta maneira, percebe-se que os povos indígenas, além de deter o direito de utilizar a sua língua materna, também podem desenvolver processos pedagógicos e tradicionais intrínsecos a sua cultura. Porém, apesar de existirem leis que garantam a permanência/existência destes povos, o que se vivencia cotidianamente é um total desrespeito a cultura, tradição, modo de vida e aos direitos arduamente conquistados. E muitos são os locais onde o sangue deste povo é derramado em nome de uma globalização excludente, xenofóbica que concebe o meio ambiente apenas como moeda de troca. Nesse ínterim, a educação ocupa um lugar de destaque, saber de seus direitos é essencial, porém, também é essencial que cada um desempenhe seu papel, pois, de nada adianta ter educação voltada para esses povos, se não temos sua garantia da continuidade.

Povo indígena Guarani

A população Guarani, em 2008, soma cerca de 51 mil pessoas em todo

território brasileiro, divididos em três etnias: *Mbyá*, *Ñandeva* e *Kaiowá* (Instituto Socioambiental). De acordo com a FUNAI (2017), na Região Sul, estima-se que existam cerca de sete mil índios Guarani *Mbyá*.

É difícil mensurar, ao certo, quantos indígenas habitam as terras do Brasil. Isto se deve a sua constante migração, dificuldade de acesso em algumas aldeias e a aversão por parte dos guaranis aos recenseadores, tornando-se difícil chegar a um número populacional exato existindo muitas variações de números, de acordo com a instituição que realiza a pesquisa. Segundo Mota e Assis (2008, p. 80), vivem no Brasil, aproximadamente 220 povos indígenas que falam em torno de 170 línguas diferenciadas. Por sua vez, o Censo Demográfico de 2010 apresenta dados mais recentes e atualizados, onde aponta a existência de 896,9 mil indígenas, distribuídos em 305 etnias e falantes de 274 línguas e/ou dialetos diferentes.

Conforme o linguista Aryon Dall’Igna Rodrigues (1986), o *Mbyá* é um dialeto do idioma Guarani, que pertence à família Tupi-Guarani, do tronco Linguístico Tupi. As variações na linguagem são observadas na pronúncia e nas sílabas tônicas, mas, sobretudo no vocabulário e na sintaxe, de acordo com

sistemas culturais próprios dos falantes Guarani.

O povo Guarani *Mbyá* mantém sua língua viva, o sistema de transmissão oral se apresenta como o mais eficaz na educação das crianças, na disseminação de conhecimentos e na comunicação com outras aldeias, constituindo-se a língua o mais forte elemento de sua cultura e identidade. Estes povos estão presentes em várias aldeias da região oriental do Paraguai, na Argentina e no Uruguai. No Brasil, encontram-se em aldeias situadas no interior e no litoral dos estados do sul e alguns em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo junto à Mata Atlântica, alguns na região norte do país no estado do Tocantins. O nome *Mbya* foi traduzido por “gente” (Schaden, 1974), “muita gente num só lugar” (Dooley, 1982).

Para o povo Guarani a “busca da terra sem mal” é uma constante em suas vidas, pois consiste em procurar por uma terra boa, onde ‘se produzindo tudo dá’, terra de abundância de recursos naturais, beleza e harmonia. Onde todos possam viver plenamente em solidariedade, equidade, amor e justiça.

A partir das leituras realizadas, evidencia-se que o povo Guarani desenvolveu de forma harmoniosa o relacionamento com a natureza e o meio ambiente, além de possuírem uma grande

habilidade para pesca, caça e coleta de alimentos. Possuem uma estreita relação espiritual e mítica com a natureza. Sendo a terra considerada um espaço de vida e cultura, de uso coletivo.

Terra Indígena Guaritaⁱⁱ

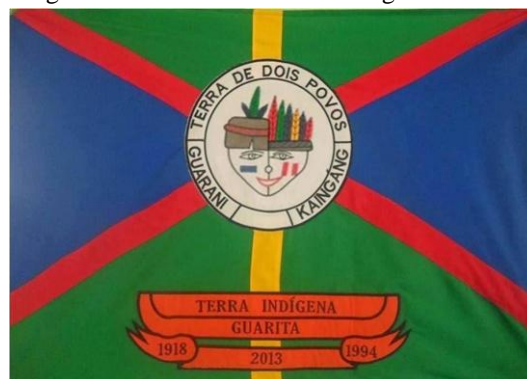
Segundo Becker (1976, p. 48), “Guarita já consta como tribo existente no município de Cruz Alta. Abrigava vários toldos de índios, tendo como Paibeni, ou ‘Grande Chefe’, ao já idoso “Fongue”, no ano de 1848”. O local foi reconhecido como Terra Indígena, somente em meados do século XX, no ano de 1908, quando o Governo do Estado do Rio Grande do Sul começou a demarcar as áreas indígenas existentes.

A Terra Indígena Guarita possuía área total de 23.183 hectares oficializada em 1918, sendo redemarcada em 1997. Atualmente sua extensão é de 23.406,87 hectares (http://www.portalkaingang.org/index_guarita.htm). A demarcação da área foi um marco importante para os que habitavam aquele território e que enxergavam suas terras sendo ameaçadas pelas invasões de agricultores.

O nome Guarita faz menção ao Rio Guarita, que limita as terras da reserva com os não índios. Na Terra Indígena Guarita,

vivem dois grupos indígenas: os *Kaingang* e os Guarani, conforme retrata a Figura 1:

Figura 1 – Bandeira da Terra Indígena Guarita.



Fonte: Página da Programação da Semana do Índio na Terra Indígena do Guarita (2018).ⁱⁱⁱ

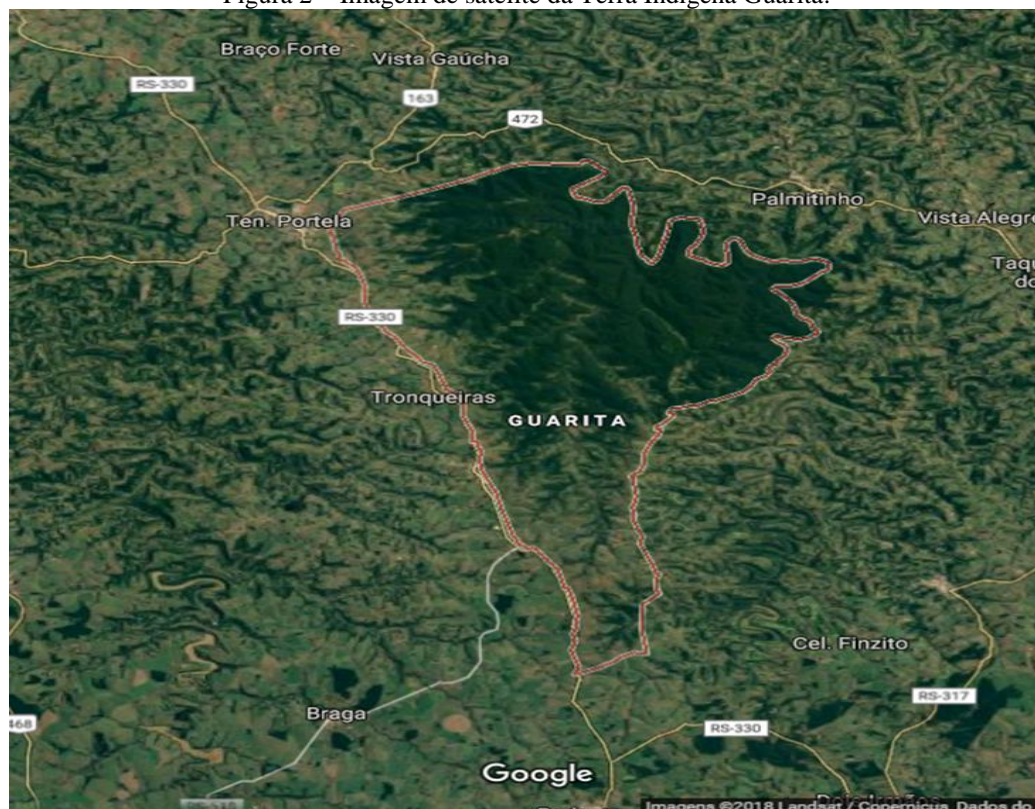
A Terra Indígena Guarita estrutura-se em 17 (dezessete) setores^{iv}, sendo 16 *Kaingang* e um Guarani, onde situa-se a Aldeia Gengibre (*Tekoá Ka'aguy Porã*), no município de Erval Seco. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2010), na Terra Indígena Guarita habitam cerca de sete mil indígenas, a grande maioria *Kaingang*. As línguas faladas são o *Kaingang*, Guarani e o português brasileiro. As duas etnias apresentam muitas diferenças entre si, não somente na língua, mas na moradia, nos costumes, nas tradições, na organização política e social. Mesmo que no passado tenha ocorrido, de forma geral, algumas desavenças entre os povos (Schmitz, 2006), atualmente o relacionamento entre as duas etnias é aparentemente pacífico.

A área de estudo situa-se na região noroeste do Rio Grande do Sul,

abrangendo os municípios de Tenente Portela, Redentora e Erval Seco. Grande parte do território ocupado pelos *Kaingang*, margeia a rodovia ERS 330. Já a área ocupada pelos Guarani, margeia o Rio Guarita. Neste território concentra-se a

maior reserva de mata nativa da Terra Indígena Guarita. A Figura 2 possibilita visualizar a configuração da Terra Indígena Guarita.

Figura 2 – Imagem de satélite da Terra Indígena Guarita.



Fonte: Google Earth, 2019.

Resultados e discussão

O primeiro contato com a área pesquisada ocorreu através do Cacique^v, o qual nos recebeu muito bem em sua moradia e nos acompanhou durante todo o período que estivemos na Aldeia. Este se sentiu honrado por estar sendo procurado para realizar este estudo, que teve por objetivo observar e documentar os aspectos da cultura, da língua, dos costumes, das

tradições, dos conhecimentos e saberes produzidos pelo povo Guarani *Mbyá* que vive na *Tekoá Ka'aguy Porã* (Lindas Matas). Após explicar para o Cacique os objetivos do estudo, ele pediu permissão ao *Karat*^{vi} para que o estudo pudesse ser realizado na comunidade.

Na Terra Indígena Guarita, no setor Gengibre, vivem cerca de 33 (trinta e três) famílias, totalizando aproximadamente 200

(duzentos) indígenas da etnia Guarani *Mbyá*.

A área territorial da *Tekoá Ka'aguy Porã* é composta de aproximadamente 9 mil hectares e está inserida dentro do Bioma Mata Atlântica. Observou-se, a partir do campo (2018), que ainda estão presentes árvores de grande porte das mais diferentes espécies, inclusive araucárias nativas. Segundo relato dos indígenas, é possível encontrar na mata pequenos animais silvestres como: tatu, graxaim, quati, macacos, gato do mato, lebre, veado, jaguatirica. Também diferentes espécies de aves como: tucanos, gralhas amarelas, jacus, etc. Quando indagado sobre a existência de onças dentro da reserva, o cacique afirmou que:

Nunca vi, mas também nunca fui no centro da mata, mas tem pessoas que dizem que tem onças na mata. Daqui a alguns dias vai vir uma equipe de ambientalistas instalar câmeras de monitoramento no interior da mata para registrar quais espécies temos.

Conforme constatado, os indígenas vivem praticamente dentro da mata, distante dos *juruá*^{vii} e dos demais setores, entre os quais estão os índios de etnia *Kaingang*, que possuem uma cultura-língua distinta dos guarani. Quando precisam de algo na cidade, o povo indígena vai até a cidade de Miraguaí, que está distante 30 km da aldeia. Segundo o

cacique, um dos pontos mais visitados em Miraguaí é o escritório da FUNAI.

A organização político-social da aldeia acontece através do Cacique, essa liderança pode ser masculina ou feminina. O cacique é considerado vitalício, porém pode deixar a qualquer momento o seu cargo em virtude de pedido, problemas, doença ou velhice, assim como pode ser retirado do cargo, por mau comportamento. Em períodos anteriores a *Tekoá Ka'aguy Porã* já foi liderada por uma mulher.

A principal família que vive na *Tekoá Ka'aguy Porã* é a do *Karaí* Élio Fernandes, que é avô do atual Cacique. Conforme levantamento realizado, os primeiros habitantes do setor Gengibre foram a família do *Karaí*, que veio da Argentina, fazendo moradia em diversos lugares dentro da Terra Indígena Guarita, até chegar a formar a *Tekoá Ka'aguy Porã*. Mais recentemente, em meados de 2009, Sandro Silva, deslocou-se da Terra Indígena Mato Preto em Getúlio Vargas para viver mais próximo de seus avós. “Vim para trabalhar e lutar pela comunidade”, diz Sandro.

Lembrando que Argentina, Brasil e Paraguai, compõem o espaço transitado por indígenas desse tronco. A mobilidade é uma das principais características do povo Guarani. Segundo Schmitz (2006), no Brasil, os guarani se consideram parentes e

mantêm intercâmbio e laços de solidariedade entre os estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina. Destaca-se que a mobilidade colabora para a “produção de novos saberes, circulação maior de bens, de sementes ... além de ervas medicinais” (Benites, Falcade & Luckmann, 2014, p. 145).

Conforme abordado anteriormente, atualmente vivem na aldeia 33 famílias, sendo que apenas 17 praticam integralmente os costumes e tradições Guarani *Mbyá*. O restante das famílias são formadas por mestiços^{viii} e não utilizam no dia a dia a língua materna.

Quando questionado sobre os conflitos na Terra Indígena Guarita, o cacique relatou que, antigamente, existiram muitos conflitos entre os indígenas, pois não “se entendiam”, porém hoje, através das leis e, principalmente do diálogo, tornou-se possível ter um convívio pacífico.

Na visita realizada à *Tekoá Ka'aguy Porã*, observou-se a existência de casas de alvenaria, com área aberta em forma oval e algumas poucas casas de madeira. No centro da *Tekoá* está localizada a *Opy*, a casa de reza. O local, tradicionalmente confeccionado com pau a pique, trama de taquaras, barro e com telhado de palha. Segundo o cacique, “esta é a construção mais valiosa da nossa aldeia, é onde nosso

povo se reúne para participar dos rituais e para renovar os significados essenciais do *nhandereko*^{ix}”.

De acordo com o entrevistado (2018), a *Opy* é um espaço que fornece força aos indígenas, onde ocorrem os rituais mais importantes e onde o *Karaí* recebe as revelações de *Nhanderu*^x. As cerimônias são realizadas no começo da noite e não tem hora para terminar. Sua periodicidade varia de duas a três vezes por semana, ou com maior frequência se alguém precisa de rituais de cura.

A Casa da Reza é o espaço de formação, onde os mais velhos passam seus ensinamentos às crianças e aos jovens. É neste local sagrado que os índios Guarani também realizam o *Nhemongaraí*, conhecida como cerimônia do milho onde as sementes são abençoadas para garantir uma boa colheita, e também a cerimônia de batismo das crianças^{xi}, momento em que são revelados e atribuídos os nomes em Guarani às crianças.

Para Benites, Falcade e Luckmann (2014), além da *Opy* ser um local que une as pessoas, o cachimbo, chamado de *Petyngua*^{xii} também gera união entre a comunidade e é sempre utilizado pelo *Karaí* quando este está no interior da *Opy*. Segundo Silva (2015), no *petyngua* utilizam fumos de corda que produz o *Tataxina*, fumaça Sagrada. A fumaça

obtida através do uso do *petyngua*, tem a função de tratamento de doenças, obtenção de concentração, inspiração nos estudos, aconselhamento e limpeza espiritual.

Observou-se, durante as visitas, que o *petyngua* e o *Karaí* são elementos fundamentais dentro da aldeia. Para o cacique, “por meio desses dois elementos é possível ter um contato direto com *Nhanderu*, nosso Deus”.

Segundo Silva (2015), há uma força espiritual no uso do *petyngua* utilizado pelo *Karaí*, pois muitas pessoas conseguem a cura de alguns males somente quando ungidas com sua fumaça. Além do *petyngua* utilizam nos rituais alguns instrumentos musicais como o *popygua*^{xiii}, o *takuapu*^{xiv}, violão e tambor. Foi observado que na *Opy* só tem uma porta de entrada, justificado pelos entrevistados para evitar a entrada de espíritos indesejados.

No que se refere aos aspectos da alimentação, o Cacique relata que: “a alimentação tem um pouco da cultura *jurua*, mas ainda se mantém muito da nossa cultura, estamos tentando preservá-la”, a maioria das famílias sobrevive através de agricultura de subsistência. Em pequenas clareiras abertas na mata, plantam suas roças. Cultivam mandioca, batata, milho, amendoim, feijão, melancia, abóbora e moranga. Também retiram da

mata as ervas medicinais, erva mate e folhas de fumo nativas, para posteriormente utilizar no *petyngua*. Também se observou a presença de árvores frutíferas ao redor das casas.

Ainda foi possível observar que os indígenas possuem o domínio e a autonomia sobre as sementes utilizadas. O manejo das sementes crioulas abrange a manutenção e a permanência delas.

Em conversas realizadas é perceptível que as práticas tradicionais e agroecológicas revelam a presença significativa da preocupação com a permanência da agrobiodiversidade da *Tekoá Ka’aguy Porã*. O conjunto destas práticas resulta do conhecimento que é passado de geração em geração.

As principais fontes que compõem a renda das famílias indígenas são: programas de assistência social como o Bolsa Família, aposentadorias e principalmente o artesanato.

No que diz respeito à educação, na *Tekoá Ka’aguy Porã*, existe somente uma instituição de ensino, a Escola Estadual Indígena de Ensino Fundamental Sepé Tiaraju. De acordo com o Cacique, nos próximos anos será implantado na escola o ensino médio, evitando-se assim, o deslocamento destes alunos até o município de Erval Seco. Atualmente 80

alunos estão regularmente matriculados na escola.

Na escola, a língua Guarani é trabalhada até o 4º ano, posteriormente, o português (a importância da aprendizagem dessa língua decorre da necessidade de comunicação) é acrescentado e as aulas de Guarani continuam até o 9º ano. Alguns professores são da própria aldeia, um deles é o cacique, outros dois se deslocam da cidade de Erval Seco. As merendeiras da escola são da comunidade.

Quanto a cultura e religião, o povo Guarani que vive na *Tekoá Ka'aguy Porã* mantém, como sempre fizeram seus antepassados, íntegras suas crenças religiosas, o culto aos mortos e, segundo o Cacique, não permitem o ingresso de outras religiões em seu território. É nítido que preservam seus conhecimentos tradicionais e dominam o uso das ervas medicinais, “nossa farmácia está na mata”, diz o Cacique. Transmitem seu conhecimento, oralmente, dos mais velhos para os mais jovens com a finalidade de preservar e manter essa riqueza de conhecimento. Ficou evidente que não admitem nenhuma forma de comercialização de qualquer espécie de erva medicinal.

Declararam-se sadios, pois segundo o Cacique, raramente ficam doentes, quando isso ocorre, primeiramente

recorrem a mata, para posteriormente, em casos mais graves, procurarem o posto médico, que está localizado na aldeia. Na Unidade Básica de Saúde (UBS) são realizados duas vezes na semana atendimento por enfermeiros, dentistas e médicos. Conforme apontam Falcade e Luckmann (2010), as gestantes podem escolher onde querem ter seus filhos, aquelas que preferem ou necessitam de cuidados especiais são encaminhadas ao Hospital Santo Antônio na cidade de Tenente Portela. As demais têm seus filhos na Aldeia com a ajuda das “parteiras”. Conforme sinalizou o cacique, possuem controle de natalidade por método natural, inclusive contraceptivo de uso masculino.

A aplicação de sanções penais e disciplinares é executada pelo cacique da aldeia e não se constitui crime aos olhos da lei. Isso porque, o artigo 231 da Constituição Federal reconhece a organização social, os costumes e as tradições indígenas. Também o Estatuto do Índio, em seu artigo 57, diz que estas sanções são toleradas, desde que não se revistam de caráter cruel ou infamante. Segundo o cacique, antigamente as punições eram mais rígidas, sendo que a liderança utilizava um cassetete feito com pele de animal para punir. Também, quando havia algum desentendimento entre

os casais, traições, por exemplo, o castigo era raspar o cabelo.

Em relação ao culto aos mortos, costumam velar seus entes, posteriormente, os sepultam no meio da mata, distante da aldeia. Acreditam que possuem dois espíritos, um bom e outro mau, por isso, sepultam longe da aldeia, com receio do espírito mau se manifestar.

O Artesanato

Segundo Gonçalves (2010), os índios Guarani *Mbyá* se dedicam ao artesanato com taquaras pintadas com tinta natural e confeccionam pequenos objetos para os lares, cestos grandes para transporte dos produtos colhidos em suas lavouras. Confeccionam esculturas em madeira, cortiça, representando pequenos animais silvestres.

Os guarani não têm o hábito de sair da aldeia para vender seus artesanatos, as cestas e os balaios são utilizados no serviço rotineiro da roça (Gonçalves, 2010).

Somente são comercializados quando participam de algum evento ou quando recebem visitantes na aldeia, um evento conhecido é a “Caminhada Ecológica de Integração de Culturas na *Jeguata Ka’aguy Re*”, que acontece anualmente no mês de abril.

De acordo com Silva (2015), o grafismo impresso nas cestarias é usado para adornar corpos e objetos, por exemplo, não são simples desenhos, neles há muitos significados, pois é uma forma de afirmação cultural, e está associado à mitologia e cosmologia. Através do grafismo presente no artesanato, os guarani valorizam a memória de seus ancestrais e, assim, preservam a sua maneira de ser e de viver, mantendo viva a sua tradição.

Conforme Figura 5, o artesanato feito pelos indígenas, destinado à venda, tem a finalidade de ornamentação e as esculturas em madeira representam a vida selvagem.

Figura 5 – Artesanato indígena.



Fonte: Registro dos autores.

De acordo com Silva (2015), os desenhos básicos existentes nos trançados da cestarias são: O *Ypara Korava'é*, em forma de losango, *Ypara kora jo'ava'e*, em forma de Cruz, *Ypara Ryxyva'e*, em forma de S. Os três desenhos básicos representam formas diferentes: o *Ypara Korá* apresenta várias formas geométricas encontradas no corpo das cobras, o *Ypara Jaxá* representa as correntes e é em forma de linhas retas e o *Ypara Ixy* representa os movimentos das cobras em forma de zigue-zague.

Como vimos anteriormente, as tranças dos cestos têm significado especial, chamado *Iparaxyry*, que significa o caminho que os guarani fazem quando visitam ou mudam de aldeia.

O artesanato confeccionado em madeira pirogravada é realizado pelos homens e simboliza o modo de viver e a relação da comunidade com os seres da natureza.

Além das cestarias, artesanato em madeira, tem-se também os *Mbo'y* (colares) e *Poapy Reguá* (pulseiras), ambos são confeccionados pelas mulheres, que utilizam sementes e miçangas. Os colares feitos de sementes servem para se distinguir de outros grupos. As sementes são elementos sagrados para o povo Guarani. Estes significam proteção e fortalecimento do espírito (Silva, 2015).

Conforme o relato do cacique quando um indígena for sair para fora da aldeia, visitar um parente, deverá estar usando um colar consagrado pelo *Karaí*. Esse vai protegê-lo durante a viagem para que nada de mal lhe aconteça.

A de se concordar com Ribeiro (2013), quando diz que o artesanato indígena é uma das mais belas e significativas formas de expressão cultural. Sendo este, de extrema beleza e de grande valor artístico, pois representa a expressão cultural do povo indígena brasileiro. Sendo assim, verificou-se que a atividade se faz presente na maioria das famílias da aldeia, como forma de complementação da renda.

O cacique também salientou o fato da alimentação variar de acordo com o que é colhido em cada época do ano. As refeições são baseadas em batata e mandioca assada, o milho pode ser assado ou torrado, amendoim torrado e frutas silvestres. O milho apresenta-se como alimento mais importante para os índios Guarani *Mbyá*. Ele possibilita a conexão entre dois mundos: espiritual e físico. Conforme ele, frequentemente consomem farofa de milho, que é confeccionada de milho crioulo, socado em pilão, aquecido com uma mistura de cinza.

Outro aspecto interessante é que praticam a agricultura ecológica. Possuem sementes crioulas. Sendo tarefa da mulher

mais velha da aldeia, Santa da Silva, *Kunhã Karai*, cuidar e zelar pelas sementes tradicionais de milho, feijão, amendoim, dentre outras. Os homens ajudam na limpeza e no preparo da terra. Como vimos anteriormente, o milho tem valor especial para os índios Guarani *Mbya*. Todo o processo de plantio, cultivo e colheita definem o calendário religioso e social da *Tekoá Ka'aguy Porã*.

Para a subsistência produzem milho, feijão, mandioca, batata doce, abóbora, entre outros. Assim, observou-se que na *Tekoá Ka'aguy Porã* a utilização do solo é diferente. Abrem pequenas clareiras na mata e plantam tudo da forma tradicional e orgânica, utilizando sementes crioulas. Não utilizam nenhuma espécie de sementes de fora de seus domínios. Produzem seus alimentos como nos tempos de seus antepassados (Gonçalves, 2010).

O canto, a música e a dança estão sempre presentes no dia a dia dos indígenas que vivem na *Tekoá Ka'aguy Porã*. É por meio da música que eles relatam sua história, conhecimentos e ensinam os mais jovens, referindo-se e enaltecendo a natureza e *Nhanderú*. Existe na aldeia o Coral *Nhamandu Jexaca*^{xv}, composto por 13 participantes, que realizam diversas apresentações, mostrando sua cultura para os não indígenas. Utilizam alguns instrumentos

musicais como *Mbaraká*^{xvi}, *Rave*^{xvii}, *Marabaká Miri*^{xviii}, *Anguapu*^{xix} e *Takuapu*^{xx}. O Coral ajuda no sustento das famílias, pois nas apresentações os participantes vendem artesanato, sendo uma forma, também, de mostrar sua cultura.

Considerações finais

O presente estudo possibilitou conhecer o cotidiano e os modos de vida do povo Guarani, procurando identificar e entender as especificidades do modo de ser Guarani na aldeia *Tekoá Ka'aguy Porã*, incluindo suas crenças, hábitos alimentares e elementos da cultura material. Por meio da observação e da interação com o objeto da pesquisa foi evidenciado suas relações com a natureza.

É perceptível que a cultura dos índios Guarani *Mbyá* é muito diferente de outras culturas, principalmente daquela herdada dos povos europeus que também colonizaram essa região. Foi também observado que praticam a sustentabilidade, preservando suas tradições. Para o povo Guarani que vive na *Tekoá Ka'aguy Porã*, a terra é fundamental para a manutenção da vida, porque sem a terra não tem vida, alimento, saúde, casa, tampouco cultura e nem sustentabilidade.

É marca desse povo o modo como cuidam da vida e das coisas que fazem

parte de seu cotidiano primando pelas relações com *Nhanderú*, com as pessoas, animais e plantas. Toda a vivência ao longo do estudo nos mostra o quanto o modo de viver Guarani nos desafia a ter o cuidado com a vida como prática constante em nosso cotidiano. Para a formação dos futuros educadores/as do campo, conhecer um pouco dos povos tradicionais que terão contato futuramente em suas práticas se mostrou importante passo no percurso formativo dos mesmos.

Referências

Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. (2010). *Coletivos Guarani no Rio Grande do Sul: Territorialidade, Interetnicidade, Sobreposições e Direitos Específicos*. Recuperado de: <http://www.al.rs.gov.br/site/>

Becker, Í. I. B. (1976). O Índio Kaingang no Rio Grande do Sul. *Antropologia*, (29).

Benites, T. F., Falcade, N. T., & Luckmann, S. (2014). Cotidiano no Tekoá Ka'aguy Porã – Uma experiência de convívio e diálogo. In Markus C., Altmann L., & Gierus R. (Orgs.). *Saberes e Espiritualidades Indígenas* (pp. 143-156). São Leopoldo: Editora Oikos.

Brasil. (1973). *Lei 6001 de 19 de dezembro de 1973. Dispõe sobre o Estatuto do Índio*. Brasília, DF: Casa Civil. Recuperado de: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/16001.htm

Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília: Senado Federal.

<http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/>

Brasil. (1999). Resolução CEB nº 3, de 10 de novembro de 1999. (1999). *Fixa Diretrizes Nacionais para o funcionamento das escolas indígenas e dá outras providências*. Brasília DF: MEC. Recuperado de: http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rceb03_99.pdf.

Brasil. (1997). *Parâmetros curriculares nacionais: história, geografia*. Brasília, DF: MEC. Recuperado de: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/li vro051.pdf>

Dooley, R. A. (1982). *Vocabulário do Guaraní*. Brasília, DF: Summer Institute Linguistics.

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2010). *Censo Demográfico - Características Gerais dos Povos indígenas*. Recuperado de: <https://censo2010.ibge.gov.br/terrasindigenas/>

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2005). *Censo Demográfico Tendências demográficas: uma análise dos indígenas com base nos resultados da amostra dos censos demográficos 1991 e 2000*. Rio de Janeiro, RJ: IBGE.

Falcade, N. T., & Luckmann, S. (2010). Espaço de Revitalização da Cultura na Promoção da Saúde: Uma experiência em Ater na Terra Indígena Guarita. In *Experiências de Assistência Técnica e Extensão Rural junto aos Povos Indígenas: O Desafio da Interculturalidade* (pp. 215-233). Brasília, DF: NEAD/SAF.

Fundação Nacional do Índio – FUNAI. (2019, setembro 30). *Brasil – Terras Indígenas*. Recuperado de: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>.

Fundação Nacional do Índio – FUNAI (2017, junho 30). *Brasil – Terras Indígenas - Guarita*. Recuperado de: <http://www.funai.gov.br/index.php/indios-no-brasil/terras-indigenas>.

Gonçalves, D. G. (2010). *Biodiversidade e Conhecimentos Tradicionais Associados: um estudo da realidade Kaingang e Guarani da reserva indígena da Guarita-Redentora-RS* (Dissertação de Mestrado). Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul.

Instituto Socioambiental. (2008). *Povos indígenas no Brasil*. Recuperado de: <https://www.socioambiental.org/pt-br/o-isa/programas/povos-indigenas-no-brasil>

Mello, H., Altenhofen, C., & Tommaso, R. (2011). Os contatos Linguísticos e o Brasil – Dinâmicas pré-históricas, Históricas e Sociopolíticas. In Mello, H., Altenhofen, C., & Tommaso, R. (Orgs.). *Os Contatos Linguísticos no Brasil* (pp. 13-56). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Mota, L. T., & Assis, V. S. (2008). *Populações indígenas no Brasil – histórias, culturas e relações interculturais*. Maringá, PR: UEM.

Moore, D. (2011). Línguas Indígenas. In Mello, H., Altenhofen, C., & Tommaso, R. (Orgs.). *Os Contatos Linguísticos no Brasil* (pp. 217-239). Belo Horizonte: Editora UFMG.

Portal Kaingang (2018, setembro 30). *História*. Recuperado de: <http://www.portalkaingang.org/>.

Ribeiro, B. G. (2013). *O índio na cultura brasileira*. Rio de Janeiro, RJ: Fundação Darcy Ribeiro.

Rodrigues, A. D. (1986). *Línguas brasileiras*. São Paulo: Loyola.

Schaden, E. (1974). *Aspectos fundamentais da cultura Guarani*. São Paulo, SP: Editora da Universidade de São Paulo.

Schmitz, P. I. (2006) *Arqueologia do Rio Grande Do Sul, Brasil*. Documento 05. São Leopoldo, RS: Editora Instituto Anchietano de Pesquisas Unisinos.

Silva, A. (2015). *O Grafismo e Significados do Artesanato da Comunidade Guarani da Linha Gengibre (desenhos na cestaria)* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Silva, B. (2015). *Petyngua - Símbolo da Vida Guarani* (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

Wizniewsky, J. G., & Kaufmann, M. P. (2018). Material didático da disciplina de História Agrária e Ambiental. *Curso de Licenciatura em Educação do Campo*. (no prelo).

ⁱ Desde 1953, ficou estabelecido entre os antropólogos, que o substantivo gentílico referente aos povos indígenas seria grafado em maiúsculo e nunca pluralizado, pois muitas vezes o substantivo já está no plural na língua indígena de referência, além do mais, designa um povo (Kondo & Fraga, 2014, p. 415; Becker, 1976).

ⁱⁱ Termo da língua portuguesa que significa “guarda”, “vigia”.

ⁱⁱⁱ <https://rdfoco.com/noticia/7433/programao-da-semana-do-ndio-na-terra-indigena-do-guarita>.

^{iv} O termo “setor” refere-se às diferentes localidades que compõe a Terra Indígena Guarita.

^v Acadêmico do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena do Sul da Mata Atlântica, com ênfase em artes e linguagens, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

^{vi} Ancião, líder espiritual, também conhecido como Pajé. Élio Fernandes, 91 anos de idade, fala poucas palavras em português.

vii Termo usado pelos indígenas para definir o não indígena.

viii São pessoas descendentes de duas etnias, neste caso, indígenas e não indígenas.

ix Modo de ser Guarani.

x Deus Guarani.

xi O nome de cada Guarani representa a sua *Nhe' Ê-Ayvu* "alma-palavra". Quando a criança recebe seu nome, recebe junto à porção divina de sua alma. Cabe ao Kará descobrir o nome de cada criança.

xii Cachimbo tradicional esculpido em nó de pinho ou argila.

xiii Clave rítmica.

xiv Bastão rítmico.

xv Em português, Brilho do Sol.

xvi Em português, Violão.

xvii Em português, Violino.

xviii Em português, Chocalho.

xix Em português, Tambor.

xx Em português. Instrumento e percussão.

Conflitos de Interesse: Os autores declararam não haver nenhum conflito de interesse referente a este artigo.

Conflict of Interest: None reported.

Avaliação do artigo

Artigo avaliado por pares.

Article Peer Review

Double review.

Agência de Fomento

Não teve financiamento.

Funding

No funding.

Como citar este artigo / How to cite this article

APA

Paprosqui, J., Cancelier, J. W., Guterra, G. G., Konzgen, Q. R. S., & Ramos, V. G. (2021). O processo histórico-social da Terra Indígena Guarita. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, 6, e8533. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e8533>

ABNT

PAPROSQUI, J.; CANCELIER, J. W.; GUTERRA, G. G.; KONZGEN, Q. R. S.; RAMOS, V. G. O processo histórico-social da Terra Indígena Guarita. *Rev. Bras. Educ. Camp.*, Tocantinópolis, v. 6, e8533, 2021. <http://dx.doi.org/10.20873/uft.rbec.e8533>

Informações do Artigo / Article Information

Recebido em : 28/02/2020

Aprovado em: 11/03/2020

Publicado em: 01/03/2021

Received on February 28th, 2020

Accepted on March 03th, 2020

Published on March, 01st, 2021

Contribuições no Artigo: Os autores foram os responsáveis por todas as etapas e resultados da pesquisa, a saber: elaboração, análise e interpretação dos dados; escrita e revisão do conteúdo do manuscrito e; aprovação da versão final publicada.

Author Contributions: The author were responsible for the designing, delineating, analyzing and interpreting the data, production of the manuscript, critical revision of the content and approval of the final version published.